

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIAS
EDUCACIONAIS EM REDE**

Aline Dal Bem Venturini

**PRODUÇÃO DE CURTAS METRAGENS COMO RECURSO PARA
EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

Santa Maria, RS

2017

Aline Dal Bem Venturini

**PRODUÇÃO DE CURTAS METRAGENS COMO RECURSO PARA EDUCAÇÃO
INCLUSIVA**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias Educacionais em Rede – Mestrado Profissional da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título em **Mestre em Tecnologias Educacionais em Rede.**

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Liziany Muller Medeiros

Santa Maria, RS

2017

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Venturini, Aline Dal Bem
PRODUÇÃO DE CURTAS METRAGENS COMO RECURSO PARA
EDUCAÇÃO INCLUSIVA / Aline Dal Bem Venturini.- 2017.
59 p.; 30 cm

Orientadora: Liziany Muller Medeiros
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em
Tecnologias Educacionais em Rede, RS, 2017

1. Curta Metragem; 2. Educação Inclusiva; 3.
Inclusão I. Medeiros, Liziany Muller II. Título.

Aline Dal Bem Venturini

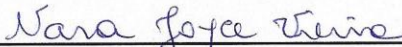
**PRODUÇÃO DE CURTAS METRAGENS COMO RECURSO PARA EDUCAÇÃO
INCLUSIVA**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias Educacionais em Rede – Mestrado Profissional da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título em **Mestre em Tecnologias Educacionais em Rede**.


Aprovado em 28 de junho de 2017.



Lisiany Muller Medeiros, Dra. (UFSM)
(Presidente/Orientador)



Nara Joyce Wellausen Vieira, Dra. (UFSM)



Eunice Maria Mussoi, Dra. (PMSM)

Santa Maria, RS

2017

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho não seria possível sem o auxílio de muitas pessoas. Agradeço com muito carinho a todos, em especial:

A Deus pelo dom da vida e por iluminar e dirigir meus passos para mais esta conquista.

Aos meus pais, Adair (in memorian) e Inês, exemplos de vida, força, garra, fé e conduta irrepreensível. Amo vocês.

Às minhas irmãs, Lauren e Larissa, pela amizade, companheirismo e apoio ao longo desta trajetória, e por buscarem sempre promover o meu desenvolvimento humano e profissional. Amo vocês.

À minha orientada professora Liziany pelas orientações, dicas, conversas trocadas e conhecimentos transmitidos.

Aos meus amigos que sempre auxiliaram e apoiaram, compartilhando de momentos de alegria e de tristezas, sempre amparando e incentivando e sendo compreensíveis nos períodos em que me fiz ausente.

Às professoras Nara, Eunice e Elena, pelas contribuições que vieram a somar na Dissertação de Mestrado.

A Escola, aos alunos, aos professores, e ao Labmesc pela oportunidade, carinho, e compreensão durante a realização da pesquisa.

Ao programa de pós-graduação PPGTER – UFSM, pela iniciativa em oferecer essa oportunidade de qualificação profissional. E a toda coordenação do curso pelos momentos compartilhados, e a todo corpo docente pelos aprendizados oportunizados.

A todos aqueles, que direta ou indiretamente, me apoiaram, auxiliaram e acreditaram no alcance e êxito dessa conquista, meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

PRODUÇÃO DE CURTAS METRAGENS COMO RECURSO PARA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

AUTORA: Aline Dal Bem Venturini
ORIENTADORA: Liziany Muller Medeiros

A presente pesquisa intitulada “Produção de Curtas Metragens como Recurso para a Educação Inclusiva” desenvolvida na linha de pesquisa Desenvolvimento de Tecnologias Educacionais em Rede e na área de concentração Tecnologias Educacionais em Rede para Inovação e Democratização da Educação no curso de Mestrado em Tecnologias Educacionais em Rede na UFSM, centra-se sobre a produção de dois Curtas Metragens produzidos pelos alunos com deficiência intelectual de uma escola estadual do interior de Santa Maria-RS. A inclusão escolar pressupõe para além de direito à vaga em uma instituição de ensino regular. Engloba auxílio no processo de ensino-aprendizagem e o direito do aluno de contar com alternativas pedagógicas diversas, de acordo com suas especificidades, tornando-o assim, sujeito na construção do saber. Diante disso, acredita-se que a escola ao possibilitar aos alunos condições para produção e interação com recursos pedagógicos e tecnológicos permite aos alunos estímulo à criatividade e a afetividade, bem como facilita a constituição de identidades capazes de suportar a inquietação, acolher e conviver com a diversidade. Neste cenário, a presente pesquisa realizou um estudo sobre o recurso tecnológico curta metragem, buscando analisar a viabilidade da mesma enquanto subsídio ao processo adaptativo e inclusivo dos alunos com deficiência intelectual. Trata-se de um estudo qualitativo embasado nos pressupostos da pesquisa-ação participante. Os participantes da pesquisa-ação foram alunos com deficiência intelectual, alunos e professores. A partir da exploração da realidade, juntamente com os alunos, operacionalizou-se o planejamento, o desenvolvimento e a avaliação da ação. Após a produção dos curtas metragens realizou-se entrevista semi- estruturada com os alunos com deficiência intelectual com a finalidade de conhecer suas percepções sobre participar do curta metragem. A participação dos alunos com deficiência intelectual enquanto protagonistas da produção dos curtas metragens refletiu em percepções de acolhimento, inclusão e valorização.

Palavras-chave: Curta Metragem; Inclusão; Educação Inclusiva.

ABSTRACT

PRODUCTION OF SHORT FILMS AS RESOURCE FOR INCLUSIVE EDUCATION

AUTORA: Aline Dal Bem Venturini
ORIENTADORA: Liziany Muller Medeiros

The present research entitled "Production of Short Films as a Resource for Inclusive Education" developed in the research line Development of Educational Technologies in Network and in the area of concentration Educational Technologies in Network for Innovation and Democratization of Education in the Master course in Educational Technologies In Network at UFSM, focuses on the production of two short films produced by students with intellectual disabilities from a state school in the interior of Santa Maria-RS. Inclusion in school presupposes beyond the right to the vacancy in a regular educational institution. It includes aid in the teaching-learning process and the right of the student to count on different pedagogical alternatives, according to their specifics, making him / her a subject in the construction of knowledge. Given this, it is believed that the school, by providing students with conditions for production and interaction with pedagogical and technological resources, allows students to stimulate creativity and affectivity, as well as facilitates the constitution of identities capable of withstanding restlessness, welcoming and coexisting with Diversity. In this scenario, the present research carried out a study on the technological resource short film, seeking to analyze the feasibility of the same as a subsidy to the adaptive and inclusive process of students with intellectual disabilities. It is a qualitative study based on the presuppositions of participatory action research. Participants in the action research were students with intellectual disabilities, students and teachers. From the exploration of reality, together with the students, the planning, development and evaluation of the action was operationalized. After the production of the short films, a semi-structured interview was conducted with students with intellectual disabilities in order to know their perceptions about participating in the short film. The participation of students with intellectual disabilities as protagonists in the production of the short films reflected in perceptions of reception, inclusion and appreciation.

Key-words: Short Film; Inclusion; Inclusive Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Representação das quatro fases do ciclo básico da pesquisa-ação.....	24
Figura 2 - Foto da escola escolhida como cenário para a pesquisa.....	25
Figura 3 - Esquema simplificado das fases propostas ao ciclo da pesquisa-ação	26
Figuras 4 e 5 - Oficina de Movie Maker.....	28
Figuras 6 e 7 – Edição dos Curta Metragens produzidos.....	29
Figura 8 - Filmagem “As novas lixeiras coloridas na escola”	32
Figuras 9 e 10 - Os alunos com deficiência intelectual do 3º e 4º ano realizando as filmagens das cenas do curta.....	36
Figura 11 – Filmagem “Somos Todos Iguais”.....	37
Figuras 12 e 13 – Curtas metragem as “Novas lixeiras coloridas na escola” e “Somos todos Iguais” no Youtube	40

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Roteiro 1: Ficção - As novas lixeiras coloridas na escola	33
Quadro 2 - Roteiro 2: Ficção – Somos Todos Iguais	38

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 REVISÃO DE LITERATURA	15
2.1 INCLUSÃO ESCOLAR.....	15
2.2 AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO (TIC)	17
2.3 CURTAS METRAGENS	19
3 PERCURSO METODOLÓGICO	22
3.1 TIPO DE ESTUDO	22
3.2 CENÁRIO E PARTICIPANTES DA PESQUISA	24
3.3 OPERACIONALIZAÇÃO DA PESQUISA	26
3.3.1 Exploração da realidade	27
3.3.2 Planejamento da Ação	27
3.3.3 Desenvolvimento da Ação	28
3.3.4 Avaliação da Ação	29
3.4 ANÁLISE DOS DADOS.....	29
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	31
4.1 “A TURMA TÁ NOS ACOLHENDO MAIS”: CURTA METRAGEM COMO RECURSO PARA A INCLUSÃO	40
4.2 PERCEPÇÃO SOBRE A PRODUÇÃO DE UM CURTA METRAGEM.....	43
4.3 CURTA METRAGEM COMO RECURSO PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM	45
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	50
APÊNDICE	54
Apêndice 1 – Solicitação de Autorização à Escola.....	55
Apêndice 2 – Termo de consentimento Livre e Esclarecido.....	56
Apêndice 3 – Autorização de uso de imagem, voz e respectiva cessão de direitos (Lei n. 9.610/98)	57
Apêndice 4 – Roteiro de entrevista com os alunos com deficiência intelectual participantes da Pesquisa	59

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa versa sobre a produção de curtas - metragens na perspectiva de uma educação inclusiva. Tal objeto de estudo assume destaque ao sinalizar-se, ainda, como emergente as dificuldades recorrentes para inclusão das diversidades no contexto escolar.

A motivação em realizar esta pesquisa advém de minha formação enquanto Educadora Especial, assim como, da participação em Grupo de Pesquisa com enfoque na temática da Inclusão Escolar, e da realização do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação também na temática da Inclusão Educacional. Tais momentos permitiram reflexões e inquietações acerca do quanto ainda é necessário avançar nas ações para inclusão no ambiente escolar e compreensão de que diferentes ferramentas e recursos podem contribuir com esse processo.

Ao dar destaque à conjuntura atual, momento de revolução da informação e da comunicação, fundamentado em novas tecnologias e em novos modos de viver, pensar, agir e interagir, produzindo um modelo social globalizado, torna-se evidente que tais avanços tecnológicos têm tangenciado, também, o cenário escolar e da educação. Nesse prisma, os avanços tecnológicos acabam proporcionando possibilidades de transformação na interação, ensino e aprendizagem. Entretanto, reconhece-se que a tecnologia somente assume potencial educativo quando os profissionais envolvidos o dominam (CASTELLS, 1999).

O uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) nas práticas de ensino não é algo novo. Há algumas décadas, tem-se presenciado a implantação de programas e políticas públicas que objetivam a adoção e a integração de ferramentas no contexto educacional brasileiro (MENDONÇA, 2010).

Desta forma, o que tem se observado, em relação à inserção destes recursos nas escolas e instituições, é a preocupação excessiva com aquisição do equipamento e a proliferação de programas com intencionalidades pedagógicas e pouca atenção à formação do professor para seu uso na prática pedagógica. Assim, é notório a relevância de preparar os profissionais envolvidos no processo de ensino-aprendizagem para que se sintam habilitados e competentes no domínio do potencial educativo que as tecnologias oferecem.

Ramos (2014) reforça a ideia de que os recursos tecnológicos fazem parte da vida escolar, assim, é preciso que alunos e professores os utilizem de forma correta,

e desse modo, um componente que assume destaque é a formação e atualização de professores, de forma que a tecnologia seja de fato incorporada no currículo escolar, e não vista apenas como um acessório ou aparato. Então, é preciso pensar como incorporá-la no dia-a-dia da educação de maneira definitiva e considerar a construção de conteúdos inovadores, que usem todo o potencial dessas tecnologias.

Tendo em vista, que o mundo virtual tornou-se necessário ao cotidiano e à vida moderna dependente desse, Pereira (2011) enfatiza o urgente domínio sobre as tecnologias. Frente a esse contexto, a inserção das tecnologias no contexto escolar traz desafios aos educadores, uma vez que estes acabam por se tornarem os responsáveis pelas implicações que as tecnologias trazem no processo de ensino-aprendizagem.

Ainda, acerca das tecnologias, têm-se observado que essas podem demonstrar potencial para inclusão. Para Santana (2010), a evolução das tecnologias vem permitindo em maiores escalas a inclusão de alunos com deficiência nas escolas, facilitando todo seu processo educacional e visando sua formação integral.

Cabe salientar, como afirma Santos (2010), que as tecnologias no campo da educação inclusiva, sujeitam-se à postura do educador. Acredita-se, portanto, que é ele que deve explorar os recursos tecnológicos como facilitadores no processo de aprendizagem e de inclusão escolar acreditando na aprendizagem dos alunos, e escolhendo os recursos tecnológicos mais adequados para sua aplicação educacional.

É nesse contexto que Mittler (2003) sinaliza que a inclusão implica em uma reforma radical nas escolas em termos de currículo, avaliação, pedagogia e formas de agrupamentos dos alunos nas atividades de sala de aula, visto que a inclusão escolar mostra-se como processo complexo que configura diferentes dimensões: ideológica, sociocultural, política e econômica. Neste sentido, a educação inclusiva deve ter como ponto de partida o cotidiano: o coletivo, a escola e a classe comum.

De um modo geral, incluir alunos com deficiência em uma escola regular, significa trabalhar a diferença, diversidade e o padrão para uma sociedade inclusiva. Concordo com o pensamento de Negrini e Freitas (2008) no sentido de que a inclusão deve ser pautada pelo respeito às diferenças singular dos alunos. No caso dos alunos com deficiência essa aceitação consiste em acatar seu ritmo e tempo na aprendizagem, aceitar sua forma de elaborar ideias, propor atividades que

estimulem o pensamento abstrato e generalização do conhecimento, obedecendo, porém um fluxo que vai da ordem do concreto ao abstrato do simples complexo. Nesse sentido, a elaboração dos curtas - metragens se constituem em um rico instrumento para desenvolver e respeitar essas características.

Nesse íterim, o uso das TIC mostrar-se como elemento potencial, com vistas a contribuir para o aumento das habilidades por parte dos sujeitos com deficiências, promovendo, assim, a adaptação e inclusão dos mesmos. Desse modo, as TIC, podem proporcionar autonomia, independência funcional, qualidade de vida, e inclusão social (ZANATTA; TREVISÓ, 2016). Portanto, podem ser consideradas como ferramentas tecnológicas que a escola pode utilizar para que todos os alunos encontrem condições semelhantes de aprendizagem. Assim, não deve ser considerada como ponto fundamental no processo de ensino e aprendizagem, mas como dispositivo capaz de proporcionar mediação entre o educador, educando e os saberes escolares (SENA, 2011).

Frente à diversidade de recursos pedagógico/tecnológica passíveis de serem encontradas no cenário das TIC, aptas para o cenário escolar, destacam-se os curtas - metragens. Assim sendo, a utilização desses recursos midiáticos em sala de aula tem possibilitado a inovação na prática de ensino e aprendizagem, do mesmo modo que tem viabilizado a circulação de informações de forma atrativa. Para além, tem-se reconhecido tais recursos como possibilidade para o despertar da criatividade à medida que estimula a construção de aprendizagem múltiplas, mostrando-se assim, como grande suporte da educação, pois podem contribuir com o desenvolvimento dos seres humanos em direção da cidadania, compaixão e respeito (DUARTE, 2009).

Considera-se que a produção de um vídeo no contexto escolar pode trazer alguns benefícios, como possibilidade de os alunos aprenderem a trabalhar em grupo, desenvolverem o sentido estético e a se expressarem por meio de uma linguagem que incorpora sons e imagens. Diante disso, acredita-se que a escola ao mediar a produção de um curta metragem estará permitindo aos alunos estimular a criatividade, o espírito inventivo, a curiosidade pelo inusitado, e a afetividade, bem como, facilitar a constituição de identidades capazes de suportar a inquietação, acolher e conviver com a diversidade.

Neste íterim questiona-se: como a produção de curtas- metragens favorece o desenvolvimento das habilidades e competências criativas e significativas para o

processo de inclusão dos alunos com deficiência intelectual em uma escola da rede estadual do município de Santa Maria?

Tendo em vista a problemática apresentada, constituiu-se como **objeto** deste estudo a produção de curtas - metragens, sobre temas transversais que versam sobre a temática da educação, na perspectiva de uma educação inclusiva. Nesse contexto, tem-se como **objetivo geral** desta pesquisa:

- Verificar se o curta - metragem, enquanto recurso tecnológico, estimula o desenvolvimento das habilidades e competências criativas e significativas das pessoas com deficiência, para o processo de inclusão.

E, como **objetivos específicos**:

- Capacitar os alunos com deficiência, sobre o uso/instrumentalização de como se produz curta - metragens através de oficinas pedagógicas;

- Produzir curtas - metragens sobre temas transversais que podem auxiliar na prática educativa de modo a subsidiar o ensino e a aprendizagem dos alunos com deficiência;

- Analisar como os curtas - metragens, enquanto recurso tecnológico, podem auxiliar na inclusão dos alunos com deficiência, a fim de proporcionar uma melhor adaptação em seu processo de inclusão na educação.

Diante disso, nos próximos capítulos encontra-se a revisão de literatura que embasou este trabalho, os recursos metodológicos utilizados, os resultados alcançados, bem como as conclusões obtidas com a execução deste trabalho.

2 REVISÃO DE LITERATURA

A fim de alcançar os objetivos propostos neste estudo, fez-se necessário explanar o universo teórico que embasou o mesmo, ou seja, estruturar o referencial teórico no qual o trabalho está alicerçado. Assim, neste capítulo apresenta-se os principais conceitos envolvidos no assunto, formando a base teórica para o desenvolvimento do estudo.

2.1 INCLUSÃO ESCOLAR

No contexto escolar a inclusão é definida como um movimento inovador, fundamentado na concepção dos direitos humanos que tem como meta principal a valorização das diferenças. Incluir pessoas com deficiência, em um ambiente escolar vai além do entendimento de diferença, diversidade e padrão. De acordo com Negrini e Freitas (2008a), o objetivo da educação inclusiva é aceitar a diferença no contexto escolar e possibilitar seu acesso ao conhecimento.

Ainda, na contemporaneidade percebe-se uma efervescência de discursos referentes à inclusão de pessoas com deficiência, no mundo do trabalho, em escolas regulares, entre outros espaços sociais. A Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008, p.1) “conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis, e avança na ideia da equidade formal ao contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão dentro e fora da escola”.

Nesta perspectiva a sociedade sempre se pautou por um modelo tido como ideal, desse modo, as pessoas que fogem daquele padrão estabelecido são infantilizadas, vistas como sujeitos estranhos, inferiores e que causam medo. Amaral (1998) apresenta a diferença como algo que tentamos esconder. Ao falarmos em diferença, vem à tona a palavra diferente, trazendo consigo a ideia de exclusão na qual se refere a todo e qualquer meio de exclusão social.

Cabe ressaltar que “a escola é um lugar para todos”. Neste pensamento se entende que a escola não é apenas para as pessoas com deficiências. De acordo com Carvalho (2008), a proposta da educação inclusiva está relacionada a diferentes causas de exclusão do “processo educacional”, como alunos que fracassam na escola ou outros que não tem acesso a ela.

Além das diferentes etnias, diferenças religiosas e de gênero, a diversidade na sala de aula também se caracteriza pela inclusão da pessoa com deficiência, agora garantida por lei. Em julho de 2015, foi promulgada a Lei nº 13.146, que institui a inclusão da pessoa com deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Seu principal objetivo é “assegurar e promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania” (BRASIL, 2015). Entre as formas de aplicação da lei, prevê-se a acessibilidade e as tecnologias assistivas.

A escola é um direito e dever de todos, como também é um ambiente de aprendizagem, e um espaço de socialização. Carvalho (2008, p.101), evidencia que “[...] tornemos nossas escolas espaços verdadeiramente inclusivos e prazerosos para professores e alunos, espaços de formação e de exercício de cidadania”. É missão da escola formar cidadãos independentes e críticos, tendo então a ideia de uma nova transmissão de diferença para a família e a sociedade.

A educação inclusiva neste sentido se preocupa com as diferenças individuais que se encontram no ambiente educacional, dando a estes alunos oportunidades de aprendizagem e ensino.

Já, na escola inclusiva, para promover a inclusão de todos os alunos no espaço escolar, deve antes de tudo enfrentar os mecanismos excludentes que ocorrem no dia-a-dia. Do mesmo modo, intervir no sistema educacional, diversificando, ampliando suas ofertas, juntamente, aprimorando sua cultura e sua prática pedagógica e principalmente articulando-o com as políticas públicas. Negrini e Freitas (2008b) corroboram com a ideia de que a inclusão poderá dar conta de seus anseios, quando se construir um espaço democrático para trabalhar com todos os alunos, como também deve-se reestruturar as práticas pedagógicas, trazendo em vista o respeito às diferenças de cada aluno.

Para Brasil (1994), as escolas inclusivas devem reconhecer e satisfazer as necessidades diversas dos seus alunos, adaptando aos vários estilos e ritmos de aprendizagem, de modo a garantir um bom nível de educação para todos, através de currículos adequados, de uma boa organização escolar, de estratégias pedagógicas, de utilização de recursos e de uma cooperação com as respectivas comunidades.

Assim, a inclusão na educação escolar pode ser alcançada como um bem essencial que deve ser extensivo a todos. Deste modo, a educação na diversidade

precisa ser ampliada e aprimorada como oportunidades de aprendizagem por toda a vida. A inclusão escolar não deve depender somente das práticas para o desenvolvimento cognitivo, incluir vai muito mais além do que acompanhar um aluno em seu processo de aprendizagem. É preciso aceitar a diferença no contexto escolar e possibilitar o seu desempenho em diferentes domínios do desenvolvimento (CARVALHO, 2008).

2.2 AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO (TIC)

Com o avanço da Tecnologia, é preciso ressaltar que estamos vivendo um momento de revolução da Informação e da Comunicação, fundamentado em uma nova tecnologia e a um novo modo de viver, pensar, agir e interagir, produzindo um novo modelo social globalizado, identificado mundialmente como sociedade da informação (UNESCO, 2014).

Visto que a educação não pode ficar de fora das transformações tecnológicas em que a sociedade vem passando. Ela deve privilegiar as necessidades atuais diante dos avanços tecnológicos, fato esses que não pode ser ignorado se o que se pretende é a formação para a cidadania e a preparação para a vida (LAUAND; MENDES, 2008).

Para tanto, as TIC tem se tornado um elemento imprescindível para a implementação de um sistema educacional inclusivo, pois possibilitam o acesso às informações, acesso aos conteúdos curriculares, bem como, a organização diferenciada das atividades de forma a atender as condições e características do aluno, ou seja, suas especificidades.

De acordo com Carvalho (2008, p. 67):

[...] a informática e as demais tecnologias de informação e comunicação não representam um fim em si mesmas. São procedimentos que poderão melhorar as respostas educativas da escola e contribuir, no âmbito da educação especial, para que alunos cegos, surdos, com retardo mental, com paralisia cerebral, paraplégicos, autistas, multideficientes, superdotados, dentre outros, possam atingir maior qualidade nos seus processos de aprendizagem e de exercício da cidadania.

Conforme salientam as autoras Alba e Sánches-Hípola (1996), o uso das TIC no processo educacional de pessoas com deficiências pode ser analisado nos seguintes modelos: a utilização das TIC para favorecer a realização das atividades

escolares; o uso do computador como recurso didático; e a aplicação da informática no momento do desenvolvimento de conteúdos curriculares.

Diante disso, é preciso preparar profissionais para dominar o potencial educativo que a tecnologia oferece. Pois, os avanços tecnológicos acabam proporcionando possibilidades de informação e comunicação que vêm transformando a maneira de interação de diversos comportamentos e relacionamentos, já que ao mesmo tempo acaba quebrando o paradigma de relacionamento entre os indivíduos (GIRARDI, 2011).

Logo, a inserção das tecnologias no contexto escolar traz desafios aos professores, uma vez que estes acabam por se tornarem os responsáveis pelas implicações que as tecnologias trazem no processo ensino-aprendizagem (LABRUNIE, 2007). Contudo, para além da importância de refletirmos sobre o desafio de preparar os professores para o uso das tecnologias em seu fazer pedagógico, é necessário avaliarmos se a formação contempla as tecnologias por uma ótica crítica, levando os professores a compreenderem que aquilo que o discurso hegemônico proclama, ou seja, as tecnologias como panaceia educativa, bem como, a sua utilização sem princípios críticos e éticos, corresponde exatamente ao que o sistema capitalista almeja (RODRIGUES, 2009).

Em sua formação acerca das tecnologias é necessário fornecer aos professores momentos e condições para realizarem uma reflexão sobre essa nova prática, ou seja, desenvolver suas competências e habilidades técnicas e proporcionar a eles o entendimento da importância de aliar a teoria com a prática e que possam, deste modo, entender que ambas são complementares, uma não deve se sobrepor a outra (GIRARDI, 2011).

Para Ahlert (2007) as TIC podem ajudar a democratizar a ciência e a tecnologia requerendo, assim, a garantia nas escolas ao acesso às tecnologias da informação e do conhecimento e a formação continuada dos profissionais em educação, alavancada por uma gestão democrática que também garanta as transformações necessárias na matriz curricular, que orientam o processo do ensino e aprendizagem nas escolas.

Assim, as novas tecnologias, seja de comunicação ou informação, estão presentes em nosso dia a dia não apenas como suporte técnico, mas, principalmente como cultura. É observável que as tecnologias ampliam nossa visão de mundo transformam as linguagens e propõem novos modelos éticos e novas

formas de apreender a realidade. Deste modo, a escola, seus gestores e professores, devem discutir e compreender seu papel nos processos de ensino e aprendizagem.

2.3 CURTAS METRAGENS

Vivemos em um período marcado pelas constantes mudanças e avanços trazidos pela tecnologia para o cotidiano, proporcionando assim facilidade e velocidade no acesso à informação e a comunicação. Com a revolução das tecnologias, a escola tem sido instigada a repensar e mudar o sistema de ensino e aprendizagem, pois o espaço da sala de aula foi invadido pelas tecnologias (VALENTINI; SOARES, 2010).

Dessa forma, as tecnologias também estão causando revolução na relação da escola com o cinema. A tecnologia do curta- metragem proporciona uma nova forma de criar, multiplicando possibilidades, inspirações e pesquisa no processo de criação ao introduzir elementos da história que facilitam a imaginação (OLIVEIRA, 2015).

Segundo definição da maioria dos dicionários, esse tipo de produção é definido como filme curto, cuja duração é geralmente inferior a trinta minutos. No entanto, as características de um curta - metragem vão muito além do seu formato. Outras propriedades relacionadas à sua curta duração conferem-lhe peculiaridades discursivas importantes, como o reduzido número de personagens e diálogos, condensação narrativa que, por sua vez, leva à condensação da linguagem e da ação; tempo da história, na maioria dos casos, linear; verossimilhança com a realidade, grande carga emotiva e sugestiva, além de apresentar desfechos geralmente surpreendentes. E, pela sua natureza cinematográfica, é grande a possibilidade de veicular conteúdos culturais com valores educativos. Por isso mesmo, torna-se uma fonte inesgotável e valiosa para trabalhar aspectos da interação humana, como cultura e linguagem (ALCÂNTARA, 2014).

Os curtas-metragens podem estar inseridos na categoria “filme cinematográfico”. No entanto, geralmente a realidade sugere outra classificação aos curtas, a de “produção audiovisual”, uma vez que sua difusão e exploração comercial não estão, a princípio, direcionadas para as telas das salas de cinema,

embora partilhe das características definidoras de um filme cinematográfico (RIBEIRO, 2013).

Neste sentido, a escola ao permitir a produção de um curta - metragem, os alunos estarão diretamente voltados à busca do conhecimento pelo diferente, pela produção deste conhecimento e ao criar sua aprendizagem, ele estará formando sua personalidade baseado em realizações próprias, conquistas e seguranças. Para Silva e Mozzaquatro (2012), o uso dos recursos midiáticos, em especial o curta-metragem, possibilita o despertar da criatividade à medida que, estimula a construção de aprendizados múltiplos, em consonância com a exploração da sensibilidade e das emoções do aluno, além de contextualizar conteúdos variados.

Nesse contexto, a realização de curtas - metragens torna-se um recurso pedagógico-tecnológico de grande potencial educativo, principalmente quando se tem a clareza de que os alunos aprendem de forma diferente, pois nasceram em um mundo repleto de estímulos visuais, auditivos, um universo que lhe possibilita tomar conhecimento da maioria dos fatos em tempo real, fato que faz com que a sala de aula, enquanto espaço povoado pelo giz e o quadro, passa a ser desinteressante ou tedioso.

É fato que a ideia do cinema evoluiu ao longo dos anos, o que permitiu que este se tornasse um potente meio de comunicação e expressão. Nesse contexto, o cinema pode ser considerado como um recurso, entendendo que o mesmo possui na educação um papel importante na escola, por meio das mídias eletrônicas, como o curta - metragem, pois, possibilita à escola propiciar um diálogo mais crítico de forma que os sujeitos compreendam as mensagens e ideologias por elas veiculadas (VIANA; ROSA; OREY, 2014).

Para Napolitano (2009) o cinema é como um recurso motivador traz para a prática pedagógica aquilo que a escola se nega a ser e que poderia transformá-la em algo vívido e fundamental: participante ativa da cultura e não repetidora e divulgadora de conhecimentos massificados, muitas vezes já deteriorados e defasados. Da mesma forma, a utilização da linguagem cinematográfica em sala de aula também tem como objetivo a promoção e o respeito pela diversidade das expressões culturais em todas as suas vertentes e manifestações, em nível nacional e internacional (VIANA; ROSA; OREY, 2014).

Deste modo, o curta - metragem pode contribuir para o aprendizado do aluno de uma forma global, uma vez que, além da comunicação, ele é capaz de

proporcionar entretenimento, notícias música, troca de informações, captura e armazenamento de imagens, cálculos matemáticos, noção de distância, em fim, uma gama de informações que contribuirão para o desenvolvimento do indivíduo nas mais diversas áreas do conhecimento (OLIVEIRA, 2015).

Para Fresquest (2013), o cinema pode mostrar-se como parceiro da educação, ao inspirar, sacudir e provocar as práticas pedagógicas esquecidas da magia que significa aprender, quando o faz de conta e a imaginação ocupam lugar privilegiado na produção do conhecimento. Nesse contexto, o cinema altera a maneira como percebemos, aprendemos e conhecemos o mundo, em função das mudanças dos hábitos de simbolização, de formalização do conhecimento e na forma de representação.

Ao se produzir filme em curta - metragem com alunos em sala de aula é possível familiarizar-se com a linguagem cinematográfica e resgatar alguns aspectos contextuais que, de maneira geral, permanecem fora do campo de visão e que, ao que tudo indica, poderão contribuir para uma formação mais plena (FRESQUET, 2013). Percorrer o processo de criação de um filme, desde a escolha do tema, construindo o roteiro, pensando a decupagem, produzindo, filmando, editando, exibindo e discutindo tanto o processo quanto o produto final é uma maneira de dar voz aos alunos, como também mobilizar o olhar (visão) e os demais sentidos. É trazer à discussão as vivências e o cotidiano do aluno (FARIA, 2011).

3 PERCURSO METODOLÓGICO

3.1 TIPO DE ESTUDO

A metodologia da pesquisa deve ser entendida como um conjunto detalhado e sequencial de métodos e técnicas científicas a serem executados ao longo da pesquisa. Permite nortear e orientar os processos de projeção, desenvolvimento, produção e análises propostas ao estudo.

Deste modo, a pesquisa em educação costuma ser pesquisa de caráter qualitativo. Para Oliveira (2002), as pesquisas que se utilizam da abordagem qualitativa possuem a facilidade de poder descrever a complexidade de uma determinada hipótese ou problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos experimentados por grupos sociais. Ainda, permite apresentar contribuições no processo de mudança, criação ou formação de opiniões de determinado grupo e permite, em maior grau de profundidade, a interpretação das particularidades dos comportamentos ou atitudes dos indivíduos.

Assim, pode-se reconhecer a pesquisa em educação como aquela que investiga e analisa uma determinada realidade educacional, inserida no contexto maior da educação nacional. Seus objetivos residem, sobretudo, em propor alternativas para a solução de problemas do cotidiano escolar, de modo a promover a qualificação da educação formal, através do sucesso da ação educativa (OLIVEIRA, 2002).

Diante do tema proposto para essa investigação, identifiquei no campo da pesquisa qualitativa, a pesquisa-ação com os componentes necessários para realizar um estudo sobre a produção de curtas - metragens como recurso para a educação inclusiva.

A pesquisa-ação é um tipo de investigação social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (MINAYO, 2014).

A metodologia da pesquisa-ação, ainda, pode ser compreendida como uma metodologia participante em que o pesquisador cria um processo que permite a

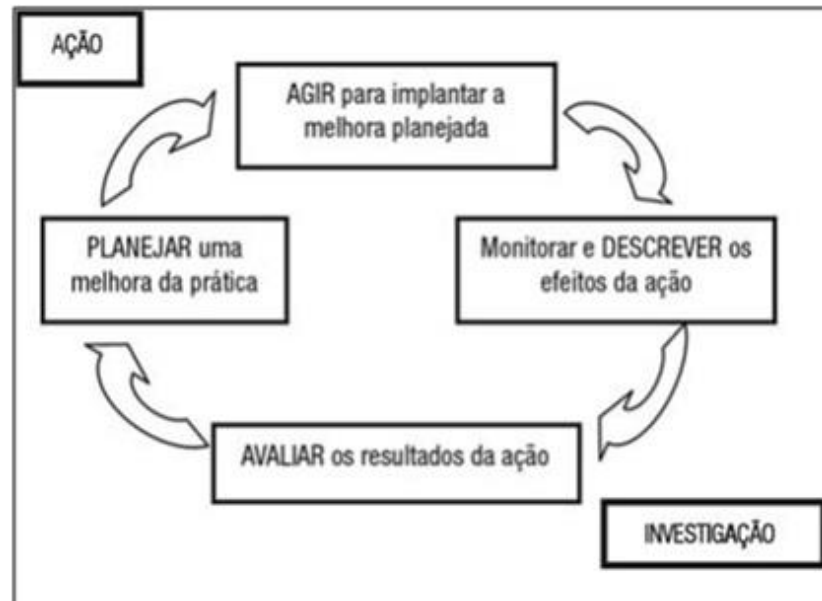
produção de conhecimento e modificação da realidade a partir da compreensão e da intervenção dos próprios sujeitos. A articulação entre a pesquisa e a educação é uma das características mais importantes da pesquisa-ação, na qual a troca de conhecimentos possibilitada pelo processo de participação ocorrerá não apenas por meio de conhecimentos já existentes, mas contribuirá para a produção de novos (CARPES; ZAMBERLAN; COSTENARO, 2016).

Ao aproximar o pesquisador da realidade pesquisada a pesquisa-ação favorece o compartilhamento de saberes, além de tecer uma estrutura relacional de confiança e comprometimento com os sujeitos que integram a realidade a ser transformada (CARPES; ZAMBERLAN; COSTENARO, 2016).

A inserção do pesquisador em um determinado ambiente em que se pretende realizar a pesquisa-ação tem cunho participativo e supõe uma forma de ação planejada, de caráter social, educacional, técnico ou de outra natureza (THIOLLENT, 1998). Além disso, pode ser considerada como um recurso de ensino, geradora de ambientes significativos de aprendizagem, possibilitando no presente estudo o currametragem enquanto recurso tecnológico, passível de construir novas possibilidades de a escola se organizar para o atendimento à diversidade.

Para Barbier (2002), o método da pesquisa-ação é o da espiral, com as fases do planejamento, ação, observação e reflexão. A construção e operacionalização da pesquisa-ação requer aplicações e desenvolvimentos diferentes em cada fase e se molda de acordo com a investigação-ação desejada e os seus *lócus* em desfecho. A solução de problemas, por exemplo, começa com a identificação do problema, o planejamento de uma solução, sua implementação, seu monitoramento e a avaliação de sua eficácia (TRIPP, 2005). Assim, o autor reconhece quatro fases do ciclo-básico da investigação-ação para guiar os pressupostos dos estudos, conforme apresentados na Figura 1.

Figura 1 - Representação das quatro fases do ciclo básico da pesquisa-ação



Fonte: (TRIPP,2005, p. 446).

Assim, embasado em tais etapas e pressupostos da pesquisa-ação o presente estudo foi conduzido a partir da realidade, com vistas a explorar, planejar, desenvolver e avaliar a produção de curta - metragens com alunos com deficiência como estratégia para a inclusão escolar.

3.2 CENÁRIO E PARTICIPANTES DA PESQUISA

O cenário escolhido para a pesquisa é uma Escola Estadual de Ensino Fundamental, localizada no interior do município de Santa Maria - RS, conforme ilustrada na Figura 2. A pesquisa recebeu autorização institucional para sua realização (Apêndice 1).

A escola, hoje, conta com uma equipe de 25 profissionais, 20 professores e 05 funcionários de serviços gerais, com uma Associação de Pais e Mestres (APM) e 140 alunos desempenhando as atividades em dois turnos: manhã e tarde. Atualmente, as crianças e adolescentes chegam à escola no transporte escolar, desenvolvem as atividades em salas de aula, na sala de informática e na quadra de esporte.

Também, realizam trabalhos pedagógicos por meio de projeto da UFSM através do PIBID - Projeto Interdisciplinar de Educação do Campo que desenvolve e aplica projetos voltados aos interesses da comunidade escolar, como forma de refletir sobre a comunidade rural, seus propósitos e valorização do espaço rural. Para além, ainda, são desenvolvidas atividades recreativas, de plantio (mandala), pesquisa e encenação, fotografia, pintura, muralismo.

Figura 2 - Foto da escola escolhida como cenário para a pesquisa



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Os participantes da pesquisa foram os alunos com deficiência intelectual do 3º e 4º ano, e todos os demais alunos do 3º, 4º e 5º ano do Ensino Fundamental e as professoras das turmas do 3º e 5º ano da escola. De acordo com a operacionalização designada ao estudo ressalta-se que os participantes foram envolvidos em diferentes etapas, e assim, em algumas participaram somente os alunos com deficiência intelectual.

O convite para participar da pesquisa ocorreu mediante conversa, apresentação e envio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice 2), e da autorização de uso de imagem, voz e respectiva cessão de direitos (Apêndice 3), conforme preconizado pela Lei n.9.610/10 aos pais e responsáveis.

Destaca-se, que todos os alunos das respectivas turmas aceitaram ao convite através da apresentação dos documentos citados assinados pelos pais ou responsáveis.

3.3 OPERACIONALIZAÇÃO DA PESQUISA

A operacionalização da pesquisa foi embasada nos pressupostos da pesquisa-ação fundamentada por Tripp (2005). Assim, neste íterim apresentam-se as iniciativas tomadas para a produção dos vídeos, desde as oficinas de capacitação até a concretização do produto final, ou seja, os vídeos e a avaliação da ação (Figura 3).

Foram realizadas um total de oito oficinas, sendo as mesmas efetuadas na Sala de Recursos Multifuncional da escola, tendo cada oficina a duração aproximada de 50 minutos. Todas as oficinas ocorreram no turno da tarde, em razão de que este ser o turno em que se encontravam os alunos público de estudo desta pesquisa, durante o período de abril a outubro de 2016.

Figura 3 - Esquema simplificado das fases propostas ao ciclo da pesquisa-ação



Fonte: Esquema adaptado a partir de Tripp (2005).

3.3.1 Exploração da realidade

Nesta fase estabeleceu-se um primeiro contato com a diretora da escola, a fim de realizar uma conversa e explorar a realidade a ser estudada, apresentar o ensejo em realizar o estudo e requisitar autorização para um primeiro contato com os alunos e professores visados a participar da pesquisa.

Desse modo, na sequência realizou-se encontros com os alunos com deficiência intelectual do 3º e 4º ano, com o propósito de aproximação aos mesmos e de planejar e construir coletivamente os curtas- metragens. Assim, sucederam-se duas oficinas: uma primeira oficina que versou sobre possíveis gêneros de curtas- metragens: documentário e ficção; e uma segunda que se preocupou em oferecer subsídios aos alunos para elaboração de um roteiro.

A realização dessas oficinas teve por objetivo capacitar os participantes da pesquisa em conteúdos que versaram sobre a produção de curtas- metragens, abordando assim, os diferentes gêneros, a produção audiovisual, seção de curtas, roteiro e, a finalização necessária do material para a produção de curtas.

3.3.2 Planejamento da Ação

Com base na realização da primeira e segunda oficina observou-se a necessidade de que na terceira oficina os alunos com deficiência intelectual assistissem curtas - metragens já produzidas por outros alunos, a fim de compreenderem por meio visual o que seria um curta - metragem, bem como fornecer recursos para planejamento da construção do seu próprio.

Posteriormente, em uma quarta oficina, foi possibilitado aos alunos com deficiência intelectual aprender a editar vídeos e colocarem legendas no mesmo através do programa Windows Movie Maker com ajuda da pesquisadora. Ainda, nessa fase permitiu-se a familiarização dos envolvidos na pesquisa, com as tecnologias, com as câmeras da filmagem e com outros recursos tecnológicos que permitem a gravação ou filmagem, edição e divulgação de vídeos com os conteúdos selecionados.

Ressalta-se a importância de registrar, tendo em vista que o registro das ações é importante, tanto para participantes quanto para pesquisadores, uma vez

que, por meio destas será possível avaliar o trabalho realizado, possibilitando, ainda, discutir reajustes e direcionamentos. Assim, a execução da terceira e da quarta oficina estão representadas por meio das Figuras 4 e 5.

Figuras 4 e 5 - Oficina de Movie Maker



Figura 4



Figura 5

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

3.3.3 Desenvolvimento da Ação

Nessa fase, de desenvolvimento da ação, ocorreram as outras quatro oficinas. Em um primeiro momento realizou-se uma oficina com vistas a permitir espaço para que os alunos com deficiência intelectual construíssem um roteiro para o curta-metragem; posteriormente em outra oficina os alunos com deficiência intelectual apresentaram o roteiro aos colegas e realizaram ensaios deste com os colegas do 3º, 4º e 5º ano. Na sequência, em nova oficina ocorreu a filmagem do curta- metragem elaborado pelos alunos.

Para a filmagem foram utilizadas duas câmeras filmadoras emprestadas pelo Laboratório Mediações Sociais e Culturais (Labmesc) da UFSM, sinaliza-se que este momento contou com auxílio de dois auxiliares de pesquisa, ambos do Labmesc, os quais coordenaram e ajudaram os alunos com deficiência intelectual no momento da filmagem dos curtas-metragens. Em outra oficina, os alunos com deficiência intelectual editaram os curtas- metragens produzidos.

As filmagens foram realizadas nos espaços internos e externos da escola. Assim, utilizou-se a pracinha, o pátio, a entrada da escola, as salas de aulas e a quadra de esportes da escola, dentre outros.

Nesta fase participaram 14 alunos do 3º ano, 05 alunos do 4º ano e 12 alunos do 5º ano, e seis alunos com deficiência intelectual, a pesquisadora e duas professoras.

As figuras 6 e 7 evidenciam os alunos trabalhando na edição dos curtas-metragens elaborados durante as oficinas.

Figuras 6 e 7 – Edição dos Curta Metragens produzidos



Figura 6

Figura 7

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

3.3.4 Avaliação da Ação

O processo de avaliação ocorreu em todas as etapas do processo, buscando monitorar e avaliar em todo curso a eficácia das ações. No entanto, após a edição dos vídeos retornou-se para nova oficina na escola, a fim de apresentar para a comunidade escolar os curtas-metragens produzidos pelos alunos. Finalizada, essa etapa realizou-se entrevista com os participantes da pesquisa os alunos com deficiência, para avaliação da ação desenvolvida. A entrevista foi realizada na Sala de Recurso Multifuncional da escola no período da tarde, com duração aproximadamente de 30 minutos.

3.4 ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados do presente estudo fundamentou-se na Análise de Conteúdo (AC), conforme pressupostos de Bardin (2011).

A AC é um instrumento de exploração interpretativa de documentos de diversas naturezas, procedida por técnicas que visam à organização e à sistematização de unidades textuais para a evidenciação de núcleos de sentido, a exemplo de temas, conceitos e significados. Ainda, Bardin (2011), sinaliza a AC como conjunto de técnicas de análise de comunicação visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens

A AC nas pesquisas qualitativas, na educação, propõe apresentar e discutir a AC a partir de: os seus fundamentos e objetivos; alguns aspectos históricos; domínios de aplicação; a caracterização do método e das suas respectivas técnicas de consecução; a sua confiabilidade; e as suas limitações (BARDIN,2011).

Para o desencadeamento do processo de AC, foram utilizadas três etapas, conforme preconizadas por Bardin (2011): pré-análise; exploração do material; e tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

A fase de pré-análise constituiu-se da organização e preparação operacional do material de investigação, isto é, a escolha e a demarcação do que seria analisado no estudo (constituição do corpus). Originando-se, assim, em trânsitos multidirecionais os documentos, a leitura dita “flutuante”, visando à sua apropriação, à formulação e o registro ainda incipientes das primeiras hipóteses e objetivos, à referenciação dos índices e à elaboração dos prováveis indicadores de análise.

Já a fase denominada de exploração do material configurou-se pelo esforço de sistematização de categorias de análise e de unidades de sentido, tendo por base os objetivos, as hipóteses preliminares e os referenciais teóricos da pesquisa. Representou, desse modo, a descrição analítica do conteúdo do texto (tanto pelo sistema de categorias quanto pela contagem frequencial).

A etapa de tratamento dos resultados, inferência e interpretação consistiu na avaliação do material para a extração de indicadores úteis ao objetivo de significação do texto. Nessa etapa foram consolidadas, sistematizadas, tratadas e julgadas as interpretações de conteúdo explícito e as inferências oriundas do conteúdo latente, tendo em conta as condições de produção e de recepção do texto, além do cotejamento e da reflexão sobre as condições de análise.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esse estudo resultou na produção de duas curtas-metragens, os quais apresentam conteúdos sobre temas transversais a respeito da temática da educação inclusiva de uma forma interdisciplinar. Essas curtas-metragens foram produzidas com a participação dos alunos do 3º, 4º, 5º do ensino fundamental e seus professores em uma escola estadual no interior de Santa Maria, juntamente com a pesquisadora no período de abril a dezembro de 2016.

Assim, para elaboração das curtas realizou-se conferência e exposição das definições de curtas-metragens, elaboração e revisão do roteiro, ensaios, filmagem, edição e finalização, e apresentação dos vídeos para a comunidade escolar.

Os dois curtas-metragens produzidos são ficções e foram intitulados como: “As Novas Lixeiras Coloridas na Escola”; e “Somos Todos Iguais”. O primeiro curta produzido versou sobre a temática do meio ambiente. Desse, participaram os alunos com deficiência intelectual do 4º ano e toda a turma do 5º ano, bem como a professora da turma do 5º ano, e a pesquisadora.

A temática foi escolhida pelos alunos do 4º ano participantes da pesquisa, onde os mesmos optaram por esse tema devido à escola estar trabalhando com a questão do meio ambiente. Após a seleção do tema, efetuou-se a elaboração do roteiro. Na sequência, foram escolhidos os demais participantes, tendo-se decidido que seria a turma do 5º ano, em razão dos mesmos também estarem trabalhando com a temática escolhida e porque os demais alunos do 4º ano estavam envolvidos com outras atividades desempenhadas na escola.

Assim, visitou-se a turma do 5º ano para apresentar o roteiro e realizar o convite para também atuarem na produção do curta, os quais aceitaram prontamente. Diante disso, o grupo dos atores que prosseguiram com o ensaio e as filmagens do roteiro foram os alunos do 4º com deficiência intelectual e a turma do 5º ano. A professora do 5ª ano participou do curta metragem como autor.

Realizaram-se três ensaios com intervalo semanal, no turno da tarde, com duração aproximada de trinta minutos cada um, sendo os alunos participantes liberados da aula. No quarto encontro efetuou-se a gravação, a qual foi realizada por dois auxiliares do Labmesc, visto que todos os alunos com deficiência intelectual gostariam de atuar no curta.

O curta- metragem “As Novas Lixeiras Coloridas na Escola” foi desenvolvido conforme descrito na sinopse a seguir.

Sinopse

O curta - metragem mostra os alunos retornando à sala de aula, após o intervalo do recreio, e sendo questionados pela professora sobre a realização da tarefa de casa, na qual deveriam realizar uma pesquisa sobre o lixo. Cada aluno relata sua pesquisa e surge uma discussão sobre a temática. A aluna Manoela sugere que sejam feitas lixeiras coloridas, devidamente identificadas com os nomes: lixo orgânico, metal, papel, vidro e plástico para serem distribuídas pela escola, sendo esta ação eleita pelos alunos para ser implementada na escola, relacionada a temática do meio ambiente. Após a definição da atividade, começaram a construção das lixeiras, sendo uma de cada cor, devidamente identificadas e posteriormente distribuídas pela escola.

O resultado da produção das lixeiras coloridas encontra-se registrada na Figura 8.

Figura 8 - Filmagem “As novas lixeiras coloridas na escola”



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

O roteiro elaborado, em conjunto pelos alunos com deficiência intelectual, e utilizado no curta - metragem “As Novas Lixeiras Coloridas na Escola” está descrito na sequência.

Roteiro

Quadro 1 - Roteiro 1: Ficção - As novas lixeiras coloridas na escola

(continua)

Cena 1	<p>Filmar uma cena onde os alunos do 4º ano com deficiência e a turma do 5º ano estão brincando no pátio da escola e filmar outra cena onde os alunos Larissa, Manoela, Ademir e João Guilherme estão brincando no portão da escola.</p>
Cena 2	<p>Enquanto seus colegas e amigos brincam durante o recreio, Larissa, Manoela, Ademir e João Guilherme observam a rua em frente à escola onde estudam. Naquele momento uma senhora passa bem distraída em frente à escola, e joga uma garrafa de refrigerante no chão. Ademir indignado com a atitude da senhora comenta com Manoela:</p> <p>Ademir: Manoela você viu o que aquela senhora fez?</p> <p>Manoela: O que foi Ademir?</p> <p>Ademir: Ah! Agora há pouco ela jogou a garrafa de refri no chão.</p> <p>Manoela: Ah! Só isso?</p> <p>Ademir: É!</p>
Cena 3	<p>Filmar os alunos e a professora na sala de aula.</p> <p>Toca o sinal na escola avisando que acabou o intervalo do recreio e todos voltam para a sala de aula.</p> <p>Aluno 1: Tava muito bom o recreio.</p> <p>Alunos: Oi professora, oi professora.</p> <p>Professora Vera: Como vieram agitados, calma, calma. Pronto. O recreio acabou. Respirem fundo. Vamos acalmar. A nossa aula continua. Agora nós precisamos falar sobre um assunto que ficou como tarefa ontem de casa. Qual foi mesmo a nossa tarefa?</p> <p>Aluno 2: Sobre o lixo.</p> <p>Aluno 3: Professora, a pesquisa era sobre a sujeira do lixo.</p> <p>Aluno 4: Professora, o caminhão do lixo não passa na minha rua e nem na rua da minha tia.</p> <p>Professora Vera: Muito bem! E o que mais Felipe?</p> <p>Felipe: Ah! Professora é uma coisa que não presta para nada.</p> <p>Aluno 5: Que as lixeiras são separadas por cores. A cor verde devemos colocar somente vidros, na vermelha os plásticos, nas azuis os papeis e na amarela os metais.</p> <p>Professora Vera: Está faltando uma.</p> <p>Aluno 6: Não esquecendo da marrom que é lixo orgânico.</p> <p>Professora Vera: E o que mais, adquiriram de conhecimentos?</p> <p>Aluno 7: Professora, o lixo é resto de comidas, e é fedorento.</p> <p>Aluno 8: Professora os papeis de balas, pirulitos e chicletes levam em média de 03 a 06 meses para se decompor. A chiclete leva em média cerca de 6 anos para se decompor.</p> <p>Professora Vera: Legal! E o que mais?</p> <p>Aluno 9: Professora, devemos separar os lixos recicláveis dos não recicláveis.</p>

Quadro 1 - Roteiro 1: Ficção - As novas lixeiras coloridas na escola

(continuação)

	<p>Ademir: Agora há pouco professora, uma senhora professora jogou uma garrafa de refri no chão, na frente da escola.</p> <p>Professora Vera: Vocês viram quem mais viu?</p> <p>Alunos: Eu vi, eu vi.</p> <p>Professora Vera: Ela agiu correta?</p> <p>Alunos: Não, não.</p> <p>Professora Vera: Não né. É, o lixo são restos de coisas ou animais que não servem mais para nós e nem para o meio ambiente. Porque prejudica a nossa.....</p> <p>Alunos: Saúde,</p> <p>Professora Vera: Prejudica os rios, prejudica a terra.</p> <p>Aluno 10: Prejudica também a natureza.</p> <p>Professora Vera: A natureza, o meio ambiente. Essa lata de refrigerante Ademir, não devia estar no chão. Aonde ela devia estar?</p> <p>Alunos: No lixo.</p> <p>Professora Vera: E, como foi à atitude dela?</p> <p>Alunos: Muito feia!</p> <p>Professora Vera: Muito feia, isso é verdade.</p> <p>Aluno 11: Não vai prejudicar só ela, vai prejudicar nós também.</p> <p>Manoela: Professora que tal fazer lixeiras coloridas, separadas pelas cores, com os nomes escritos: lixo orgânico, metal, papel, vidro e plástico e espalhamos pela escola.</p> <p>Aluno 3: Ótima ideia, mas todo mundo vai ter que colaborar.</p> <p>Professora Vera: Perfeito, é isso pode ser uma tarefa para casa, como nosso tempo já está curto, agora não tem como fazer, conseguir papelão, trazer o material. Então, fica como tarefa para continuarmos amanhã, não é verdade? Então, com calma nós vamos nos organizar, peguem a mochila, se organizem e nós vamos sair.</p>
Cena 4	<p>Filmar os alunos entrando na sala de aula com as caixas.</p> <p>No dia seguinte toca o sinal de entrada na escola e todos os alunos retornam para a sala de aula levando consigo as caixas de papelão que trouxeram de casa. Os alunos entram na sala de aula e sentam em suas classes e a professora Vera inicia a aula.</p> <p>Professora Vera: Muito bem, trouxeram as caixas.</p> <p>Alunos: Sim.</p> <p>Professora Vera: Pois, então já vamos fazer como primeira tarefa, certo.</p> <p>Alunos: Certo.</p> <p>Professora Vera: Então, vamos fazer o seguinte, como vocês trouxeram as caixas, aqui na frente estão os materiais. Eu gostaria que vocês pegassem, cola, tesoura, durex se for preciso e que a gente se organize, agora. Vamos nos organizando em grupos. Vamos fazer como nossa sala é muito pequena não dá para muitos grupos. Vamos formar quatro grupos, cada um fica com uma caixa e um fica com duas caixas, combinado, pode ser? Então vamos lá de quatro em quatro, vamos formando.</p>

Quadro 1 - Roteiro 1: Ficção - As novas lixeiras coloridas na escola

(conclusão)

Cena 5	<p>Filmar os alunos montando as lixeiras coloridas na sala de aula. Professora Vera: Agora me expliquem o que significa as cores dessas caixas? Alunos: Vidros, plásticos, papel, metal, lixo orgânico. Aluno ergue a caixa do lixo orgânico e a professora comenta: Professora Vera: É a do lixo orgânico, muito legal. E para nós concluir nossa atividade, nós precisamos colocar as caixas do lado de fora em nossa escola.</p>
Cena 6	<p>Filmar os alunos saindo da sala de aula e indo em direção o portão de entrada da escola para espalhar as lixeiras coloridas. Professora Vera: Qual é o nosso papel agora? Aluno 12: Colocar o lixo no lixo. Professora Vera: De que forma vamos nos organizar? Aluno 10: O metal no amarelo, o papel no azul, o plástico no vermelho, o vidro na verde, e o orgânico na marrom. Professora Vera: Muito bem! E assim vamos estar contribuindo..... Alunos: Com o meio ambiente. Professora Vera: Muito bem, então devemos separar e contribuir cada um de sua maneira, da sua parte, fazendo sua parte, não é só olhando as pessoas fazer errado que nós vamos repetir certo? Alunos: Sim, certo. Professora: Muito bem! Parabéns, ter consciência ambiental... Alunos: É fundamental.</p>

O segundo curta versou sobre a temática da diversidade, sendo nomeado de “Somos Todos Iguais”. Desse, participaram toda a turma do 3º ano, inclusive os alunos com deficiência intelectual dessa turma. A temática foi definida com base na sugestão da professora da turma do 3º ano, devido ao fato que a mesma gostaria que tivesse mais aproximação e afinidade dos colegas da turma com os alunos com deficiência.

Após, a seleção do tema efetuou-se a elaboração do roteiro. Na sequência, foram escolhidos os participantes, tendo-se decidido que seria toda a turma do 3º ano, em razão da turma demonstrar interesse em fazer parte do curta - metragem e em virtude de que os demais colegas tivessem mais inclusão com os alunos com deficiência de sua turma.

Assim, visitou-se a turma do 3º ano para apresentar o roteiro e realização do convite para também atuarem na produção do curta, os quais aceitaram prontamente.

O roteiro deste curta - metragem foi elaborado pelos alunos com deficiência intelectual juntamente com a pesquisadora, a fim de os alunos atuassem de forma espontânea e sem forçar a cena e até mesmo para que os alunos com deficiência não se sentissem constrangidos em participar do curta, tendo em vista a temática ser direcionada a aproximação e inclusão dos demais alunos da turma para com os de deficiência intelectual.

Diante disso, o grupo dos atores que prosseguiram com o ensaio e as filmagens do roteiro foram os alunos do 3º com deficiência intelectual e demais colegas da turma do 3º ano.

Realizaram-se quatro ensaios com intervalo semanal, no turno da tarde, com duração aproximada de trinta minutos cada um, sendo que os alunos participantes foram liberados da aula. No quinto encontro efetuou-se a gravação, que foi realizada pelos alunos com deficiência intelectual do 3º e 4º ano, e dois auxiliares do Labmesc, sendo que os alunos com deficiência do 3º ano eram os filmadores nas cenas em que não estavam atuando. A professora do 4º ano não quis participar como autor, mas acompanhou a turma nos ensaios e nos momentos das gravações auxiliando os mesmo na hora da filmagem.

Nas Figuras 9 e 10, apresenta-se duas imagens que evidenciam alguns alunos envolvidos no curta, os quais estão efetuando a filmagem do mesmo.

Figuras 9 e 10 - Os alunos com deficiência intelectual do 3º e 4º ano realizando as filmagens das cenas do curta



Figura 9



Figura 10

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

O curta- metragem “Somos Todos Iguais” foi desenvolvido conforme descrito a seguir:

Sinopse

O curta-metragem mostra os colegas de Alice brincando de várias brincadeiras no pátio da escola. Enquanto, Alice está brincando sozinha com seus próprios brinquedos.

Assim, em uma bela tarde ensolarada, Alice estava brincando sozinha no pátio da escola, quando ouve um grito na pracinha da escola, ela sai correndo e vai ver o que havia acontecido. Chegando lá ela percebe que uma de suas coleguinhas havia caído do balanço e se machucado. Então Alice socorre a colega machucada. No dia seguinte, a colega vem até Alice agradecer pelo que ela havia feito e convida Alice para brincar junto. A partir daquele dia Alice estava presente em todas as brincadeiras de seus colegas.

Na Figura 11 encontra-se o registro dos atores que participaram do curta-metragem “Somos Todos Iguais”.

Figura 11 – Filmagem “Somos Todos Iguais”



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

O roteiro elaborado, em conjunto com a pesquisadora, e utilizado no curta-metragem “Somos Todos Iguais” está descrito na sequência.

Roteiro

Quadro 2 - Roteiro 2: Ficção – Somos Todos Iguais

(continua)

Cena 1	<p>Filmar duas cenas a primeira Alice sentada no chão brincando sozinha. E a segunda filmar a turma do 3º ano brincando de jogar bola no pátio da escola.</p>
Cena 2	<p>Alice na hora do recreio estava sempre sentada no chão tristonha, olhando para seus brinquedos espalhados no pátio da escola. Ela estava sem vontade de brincar, enquanto seus colegas brincavam felizes durante o recreio.</p> <p>Alice: Por que ninguém gosta de brincar comigo? Ninguém me convida para brincar.</p> <p>Filmar Alice na janela da sala de aula, observando os colegas brincando no pátio da escola.</p> <p>Enquanto seus colegas brincavam felizes no pátio da escola. Alice foi a até sua sala de aula. Chegando à sala de aula, foi até a janela. Ouvindo risos e vendo seus colegas brincarem de pique-esconde e jogando bola. Alice se sentia mais triste ainda.</p> <p>Vendo do lado de fora a tristeza de Alice, uma colega aproximou-se dela, pois sabia o que ela sentia e falou:</p> <p>Aluno 1: Alice não fique triste, um dia tudo vai mudar o importante e saber que para Deus nós somos todos iguais.</p>
Cena 3	<p>Filmar o aluno 2 brincando sozinha na pracinha da escola.</p> <p>Numa bela tarde ensolarada, Alice estava brincando sozinha no pátio da escola. Quando de repente ouviu um grito na pracinha da escola. Ela saiu correndo e foi ver o que havia acontecido. Chegando lá ela percebeu que uma de suas coleguinhas havia caído do balanço e se machucado.</p> <p>Alice então, socorreu a coleguinha que estava machucada.</p> <p>Aluno 2: Alice eu não estou conseguindo levantar está doendo muito. Minha mãe não está em casa. Eu estou com medo. Você pode me ajudar?</p> <p>Alice: Sim posso. Me dê a mão.</p>

Quadro 2 - Roteiro 2: Ficção – Somos Todos Iguais

(conclusão)

Cena 4	<p>A colega de Alice foi levada para o hospital da cidade. No outro dia na escola a colega veio até Alice agradecer:</p> <p>Aluno 2: Alice queria te agradecer pelo que você fez ontem por mim, estou melhor já graças a sua ajuda.</p> <p>Alice: Não precisa agradecer, eu fiz o que qualquer um faria no meu lugar.</p> <p>A colega de Alice então convidou Alice para brincar com ela e com seus colegas nas suas brincadeiras.</p> <p>Aluno 2: Alice você quer brincar com nós?</p> <p>Alice: Quero sim.</p> <p>Aluno 2: Está bem, vamos brincar?</p> <p>Alice então pegou seus brinquedos e trouxe eles para brincar junto de seus colegas.</p> <p>Aluno 2: A partir de hoje quero ser sua melhor amiga. Você foi muito legal comigo.</p> <p>Alice então foi brincar com todos seus colegas da escola.</p>
Cena 5	<p>Filmar Alice, o aluno 2 e toda a turma do 3º ano brincando na pracinha da escola.</p>
Cena 6	<p>Aluno 3: Hoje eu aprendi que somos todos iguais.</p> <p>A partir daquele dia Alice estava presente em todas as brincadeiras de seus colegas na escola.</p>

Os dois curtas-metragens possuem legendas e encontram-se disponíveis no youtube (Figuras 12 e 13), no canal da pesquisadora, de modo público, nos seguintes links:

- As Novas Lixeiras Coloridas na Escola - <https://youtu.be/3qoDpvRITlw>
- Somos todos Iguais - <https://youtu.be/6fKBaUa-Cak>

Figuras 12 e 13 – Curtas metragem as “Novas lixeiras coloridas na escola” e ”Somos todos Iguais” no Youtube



Figura 12
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.



Figura 13

Após a produção dos dois curtas-metragens procedeu-se a realização de entrevistas com os alunos com deficiência, a fim de explorar suas vivências na participação da pesquisa. Com base nos dados obtidos nas entrevistas e pela observação nas etapas de operacionalização dos curtas, percebeu-se a formação de três categorias temáticas: “A turma tá nos acolhendo mais”: curta metragem como recurso para a inclusão; Percepção sobre a produção de um curta metragem; Curta Metragem como recurso para o ensino e aprendizagem.

4.1 “A TURMA TÁ NOS ACOLHENDO MAIS”: CURTA METRAGEM COMO RECURSO PARA A INCLUSÃO

A inclusão educacional de alunos com deficiência na rede regular de ensino, ainda, demanda diversos avanços e o reconhecimento das possibilidades e transformações disponíveis ao setor. O processo de inclusão tangencia os diversos

atores envolvidos, sejam discentes, docentes, funcionários e familiares. Para além, reportando-se ao processo de ensino-aprendizagem, destaca-se a necessidade de que esses alunos apresentem condições efetivas de aprendizagem, desenvolvimento de suas potencialidades e formação integral.

O advento da inclusão escolar tem suscitado o entendimento de que os ambientes físicos e os procedimentos educativos é que devem ser adaptados aos alunos, conforme suas necessidades e especificidades. Desse modo, explorar atividades que movimentem diversos sentidos e experiências vai ao encontro do entendimento de que é necessário reconhecer e valorizar as diferenças, ao invés de adaptar e individualizar/diferenciar o ensino para alguns.

O desafio da inclusão escolar é como uma parte integrante do processo e deve oferecer educação de qualidade para todos. Assim, a educação na perspectiva inclusiva provoca uma qualificação no processo educativo, possibilitando o direito de todos os alunos, sejam com deficiência ou não, de exercerem e de usufruírem de uma educação satisfatória (SILVA, 2014).

As escolas inclusivas podem reconhecer e responder às diversas necessidades de seus alunos seja por ritmos diferentes de aprendizagem, por diferentes metodologias ou modificações organizacionais. Estratégias de ensino que façam uso dos recursos das TICs mostram-se ao encontro da busca de uma educação de qualidade, inclusiva e efetiva aos envolvidos.

A promoção de atividades que superem os modelos tradicionais, extrapole os significados e ensejem a emancipação dos alunos pode elucidar-se como facilitadores da inclusão no cenário educativo. Explorar propostas de melhorias ao processo de inclusão por meio da produção de curtas-metragens permitiu considerar diferentes mecanismos à produção e elaboração dos roteiros e atuação. Permitir destaque aos alunos com deficiência na operacionalização dos curtas imbricou realce às suas capacidades e potencialidades.

Nesse contexto, pode-se perfilhar a educação inclusiva enquanto acolhimento, espaço oportuno para satisfazer as diversas necessidades. Assim, aproximar a produção de um curta-metragem da vivência escolar dos alunos com deficiência resultou em implicação próspera ao cenário de inclusão.

Nesse estudo, isso é facilmente compreendido nas entrevistas com os alunos com deficiência intelectual, onde os mesmos relataram as seguintes percepções:

Meus colegas estão nos acolhendo mais, tão mais legal com nós. Depois do curta a turma está nós chamando mais para as brincadeiras, assim como, era a personagem. (Aluno 1).

A turma tá nós acolhendo mais e tá mais participativa com nós, estão nós chamando bem mais para as brincadeiras. (Aluno 2).

A turma tá mais legal, mais participativa com nós. Depois do curta metragem a turma está nos chamando mais para as brincadeiras (...) a turma nos acolheu mais. (Aluno 3).

O discurso dos participantes permite observar o reconhecimento atrelado à participação na produção do curta-metragem com a aproximação despendida para com os demais colegas. Participar da produção obteve como consequência o acolhimento. Duarte (2009) considera que o curta-metragem pode ser “um instrumento precioso para ensinar o respeito aos valores, crenças e visões de mundo que orientam as práticas dos diferentes grupos sociais que integram as sociedades complexas”.

Para além, observa-se que o acolhimento relatado abrange a inclusão para atividades de lazer e com sentimentos de afetividade, os quais parecem despertar-se após a participação na produção do curta- metragem. Frente a esse cenário considera-se que a aproximação com o curta-metragem possibilita uma nova forma de aprendizagem, um processo compartilhado que valoriza a experiência criativa e reflexiva oriunda desse encontro, ampliando a maneira de se entender o mundo e olhar a realidade, permitindo outra compreensão de se relacionar com o outro (FREQUET, 2008).

Desse modo, o curta- metragem pode ser visto como o momento de encontro com o outro, que gera questionamentos sobre o cotidiano, instituindo novas formas de se perceber a realidade trazendo, assim, novos caminhos para se viver experiências antes desconhecidas. Oportunizar aos alunos com deficiência para desvendarem atuação como protagonistas das histórias elucidou favoráveis contribuições ao processo de inclusão.

A turma queria saber o que eu estava fazendo e isso foi muito legal. As minhas colegas estão mais minhas amigas. (Aluno 1)

Os colegas ficavam pedindo a todo o momento o que nós estamos fazendo e como eu queria guardar segredo não podia contar. (Aluno 2).

Diante do discurso dos participantes, o curta-metragem passa a ser visto como um momento de encontro, que acaba gerando questionamento sobre o conhecido, e instituindo novas formas de se perceber a realidade trazendo novos caminhos para se viver experiências. Desenvolver o papel de protagonistas demonstrou apresentar consequência também à autoestima e a qualidade de vida dos alunos com deficiência, conduzindo repercussões ao processo de inclusão escolar. Atribuir ao cinema à qualidade de despertar sentimentos nobres de amizade, de apego e de amor que proporcionam novas emoções e relações, capazes de transformar o ser humano, trazendo novas sensações e impressões ao espectador. (FERREIRA, 2014).

Para além, Campos (2013) destaca que possibilitar que pessoas com deficiência se reconheçam em personagens protagonistas, sem atitudes vitimistas, inclusive na ficção, reforça referências positivas e contribui para a desmistificação e para o término de alguns preconceitos ainda existentes.

4.2 PERCEPÇÃO SOBRE A PRODUÇÃO DE UM CURTA METRAGEM

Para Fresquet (2008) a atividade de fazer cinema acende uma transformação dos hábitos escolares consagrados, alentada, neste caso, pela presença em sala de aula de uma pessoa alheia, “estrangeira” ao sistema educativo. Assim, o autor afirma que durante o processo de elaboração de um curta- metragem, todos (alunos, docente, e também o conhecedor em cinema) se encontram em situação de aprendizagem. O tradicional processo de aprendizagem entre professor e aluno permanece modificada no momento da prática, ou seja, uma aprendizagem na qual não há nem discurso nem liderança, mas sim uma prática em que professor e alunos se situam em um mesmo lugar e em uma mesma perspectiva: a escolha de um ambiente, a observação da luz, a realização de um objetivo. Deste modo, a aproximação ao cinema indica que não se considera a aquisição de conhecimentos como um saber que vem do exterior (do formador para o formado), mas como um

processo partilhado, baseado nas descobertas, nos desejos, na imaginação de cada uma das pessoas que formam o grupo.

Nesse contexto, após a elaboração de dois curtas-metragens, que são os produtos deste estudo, foi possível distinguir duas etapas marcantes que a produção de um curta metragem envolve: a pré-produção e a produção.

A pré-produção de um curta-metragem faz com que os profissionais envolvidos trabalhem, primeiramente, para tornar-se uma ideia em algo concreto, ou seja, desenvolvem criativamente o roteiro e o design de produção, levantam os recursos humanos, técnicos, financeiros e materiais necessários. Já, a produção é a etapa principal do processo, em que são feitas as captações de imagem e som, envolvendo uma maior quantidade de profissionais. Neste momento, põem-se em prático tudo o que foi planejado.

Assim, uma das finalidades dos alunos com deficiência participarem da elaboração de um curta metragem é desenvolverem competências e habilidades relacionadas com a articulação de uma produção audiovisual, tendo em vista que a elaboração envolve planejamento, definições, escolhas, responsabilidade, trabalho em equipe, desinibição e comprometimento.

Neste sentido, neste estudo pode-se corroborar que o desenvolvimento de curta- metragens trabalhou nos alunos o desenvolvimento de habilidades técnicas e pessoais. A elaboração dos roteiros exigiu bastante paciência e foi necessário explicar mais de uma vez o trabalho que ia ser desenvolvido, pois, para os alunos isso era novidade. Procurou-se sempre valorizar as ideias vindas dos alunos, adaptando-se ao mínimo possível as palavras e sugestões.

Foi marcante a vontade dos alunos em utilizarem os equipamentos para as filmagens, pois, o novo os atraia. Ainda, cabe destacar que os alunos tiveram melhor compreensão do que fora realizado durante as tardes em que passaram envolvidos na produção dos curtas, ao se assistirem, visto que se sentiram valorizados, capazes e até mesmo verdadeiros “atores”.

Foi a primeira vez que fiz um personagem e fiquei em frente às câmeras. Foi muito divertido fazer a personagem Alice me identifiquei bastante com ela. (Aluno 6)

Nunca tinha participativo de um curta metragem antes, foi algo diferente e legal. (Aluno 5)

Também, pode-se afirmar que o curta-metragem permitiu que os alunos trabalhassem a ideia de respeito de hierarquia, visto que era preciso respeitar o roteiro criado, bem como as orientações de execução recebidas dos professores, da pesquisadora e dos auxiliares da filmagem.

Ainda, nesse contexto, por meio da edição das filmagens, muitos alunos tiveram contato com o computador, aprendendo a ter coordenação e destreza para trabalhar com esta tecnologia.

A ideia de chamar a turma nossa para participar foi bem legal também. O roteiro foi bem legal e a ideia de chamar os colegas foi bem divertido. (Aluno 2)

Faria de novo, gostei bastante, nunca tinha me visto nas câmeras. O tema proposto foi bem legal também. (Aluno 3)

A oportunidade de planejar e atuar em conjunto com colegas e professores no curta- metragem oportunizou aos alunos com deficiência autonomia, independência e a valorização de suas ideias, estimulando ao crescimento e desenvolvimento de suas potencialidades. Além disso, mostrou-se como possibilidade para que os mesmos pudessem empreender o planejamento de suas atividades.

Embasado nos pressupostos de Freire (2003, pg.21) reconhece-se que “ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção”, tornando-se assim, um processo em que educadores e alunos não se reduzam à condição de objeto um do outro. Percebe-se que existem diferentes maneiras de se olhar as diferenças que emergem no ambiente escolar. Nesse estudo, as potencialidades desses sujeitos foram contempladas e não as suas dificuldades. Buscando estratégias que oportunizassem a criação, a autoria e a autoafirmação.

4.3 CURTA METRAGEM COMO RECURSO PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM

Ao retornar à escola, recebeu-se *feedback* das professoras da turma, de que os alunos haviam absorvido conhecimento dos temas abordados nos curtas metragens. Sobre a execução do primeiro ensaio foi relatado pelas docentes de que

os alunos comentavam e cobravam-se sobre a colocação dos lixos nas lixeiras específicas, ou seja, o correto descarte dos materiais.

No entanto, também foi referido que havia muitas dúvidas do que devia ser rejeitado em cada lixeira por alguns alunos-atores, e por muitos outros, visto que nem todos os alunos da escola participaram das oficinas. Para isso, sugeriu-se a fixação de cartaz nas lixeiras com sugestões do que deveria ser descartado em cada lixeira, já que a maioria era alfabetizado e sabia ler, ainda os que não sabiam ler podiam ser auxiliados pelos que já sabiam.

Nesse contexto, percebeu-se isso como uma melhoria, e também como uma certificação de que novos conhecimentos foram passados e captados pelos alunos. Ainda, sentiu-se a necessidade de ter distribuído, material informativo sobre a reciclagem na fase de desenvolvimento da oficina o que poderia ter contribuído, também para eliminação das dúvidas nessa fase posterior.

No tocante a segunda oficina, foi exposto pelos docentes de que se percebeu uma maior introspecção entre os alunos com deficiência intelectual da turma e os não deficientes. Por meio das brincadeiras, eles acabaram criando afinidades e se aproximando, e ainda uns foram se apresentando aos outros e ampliaram seus ciclos de amizade.

Ainda, a proposta de fazer cinema na escola surpreendeu pela capacidade de mudança de autoestima daqueles alunos comumente considerados “problemas” e da imagem que os docentes e os próprios colegas tinham desses alunos. Assim, um dos principais objetivos de inserir o cinema em sala de aula é dar uma oportunidade àqueles alunos que, por diferentes motivos, ficam excluídos do sistema ou da sociedade escolar, podendo encontrar no cinema uma via para mudar, ao menos parcialmente, esta situação.

Contudo, é necessário destacar que toda essa importância e possíveis resultados positivos do uso de curta-metragens no processo de ensino-aprendizagem de alunos com deficiência, bem como para inclusão escolar somente acontecerá se houver professores capacitados e que tenham essa percepção sobre o assunto. Desta forma, o professor é o artista na escola que pode ajudar os alunos a se tornarem espectadores criativos do cinema e também realizadores.

Me ajudou bastante a compreender mais quais são as 05 cores que o lixo possui.(Aluno 1)

Me ajudou bastante e a professora da sala por estar trabalhando também, entendi melhor as cores que o lixo possui. (Aluno 4)

Acredita-se que ao produzir-se um curta na escola os alunos sintam-se desafiados a 'aprenderem com mais facilidade', pois possibilita-se que se apropriem de recursos cognitivos e tecnológicos no processo de criação e execução. Assim como, interação com imagens, sons, e produções de textos de diversos gêneros (LINDENMEYER et al, 2016). Sobre essas ações, a tecnologia pode ser uma aliada e a produção de curta-metragem um recurso da prática pedagógica, que contribui para a aprendizagem, a autoria e favorece também a inclusão.

Acredita-se que associar recursos audiovisuais aos processos de ensino-aprendizagem permite ao indivíduo produzir conhecimento, desenvolver a concepção de mundo e sua consciência, que transforma a natureza e constrói sua história. Por isso, torna-se necessário ter a ação como princípio educativo, revendo as necessidades desse processo por meio de novos projetos e reorganizando a produção e a vida social no contexto escolar, o qual poderá repercutir também fora da escola.

Com relação aos curtas-metragens, esses podem dar novas alternativas ao ensino. Em parceria com os alunos, vislumbra-se possibilidades que impulsionam as atividades com força jovem e determinação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A operacionalização dos curtas-metragens desvendou estratégias ao processo de inclusão no cenário de escolas regulares. Assim, ensejou reflexões sobre a educação e a inclusão de modo geral, considerando que o curta- metragem pode ser visualizado além de um recurso tecnológico para ilustrar ou aprofundar conteúdos, elucidando-o como espaço de convivência que educa, forma, faz pensar, estimula o desenvolvimento das habilidades e competências criativas e significativas das pessoas com deficiência para o processo de inclusão.

A participação dos alunos com deficiência intelectual enquanto protagonistas da produção dos curtas- metragens refletiu em percepções de acolhimento, inclusão e valorização. A inclusão no contexto escolar mostrou-se dependente dos diversos atores envolvidos, e assim, relaciona-se às diferentes estratégias que podem ser desenvolvidas a fim de colaborar a esse processo.

Com a realização deste estudo constatou-se que todos aprendem: professores, pesquisadores, cineastas, artistas e alunos. A introdução do cinema na escola constitui um desafio à criatividade e ao fazer político nela, pois crianças fazendo cinema pode ser uma forma de legitimar o direito delas de pensar, decidir, e expressar por si suas ideias do mundo e seus sentimentos.

Assim, a inclusão do cinema nas escolas incide em aproximar os alunos da arte cinematográfica e dos valores que lhes são próprios, isto é, trabalho em equipe, responsabilidade, constância, capacidade de espera, imaginação e sensibilidade. Ao realizarem os filmes, os alunos elaboraram um roteiro, planejaram a filmagem, assumiram tarefas, transmitiram e comunicaram ideias, escutaram e dialogaram com os outros. Assim, alcançou-se resultados que não se limitam apenas ao filme, mas especialmente a todas as aprendizagens do processo. Pode-se afirmar que, através do cinema, os alunos aprendem a conhecer a si próprios, refletem e tomam consciência de seus talentos, habilidades e dificuldades.

O pesquisador e os docentes levam consigo o valor da experiência e o atrativo de um universo desconhecido e diferente ao da escola; a criação media uma outra maneira de olhar, pensar e viver a arte.

Destaca-se que a produção de curta-metragens além de contribuir no processo de inclusão dos alunos com deficiência intelectual nas escolas pode ser visto como um momento de encontro, que acaba gerando questionamentos sobre o

conhecido, institui novas formas de se perceber a realidade trazendo novos caminhos para se viver experiências, ou seja, o cinema acaba despertando sentimentos nobres de amizade, de apego e de amor que proporcionam novas emoções e relações, capazes de transformar o ser humano, trazendo novas sensações e impressões ao espectador.

Nesse sentido, pode-se compreender o cinema, em especial a produção de curtas-metragens como um recurso facilitador no processo de ensino-aprendizagem, e que as escolas possam utilizar como parte dos recursos didáticos da sala de aula. No entanto, cabe salientar que o professor desempenha papel fundamental nesta inserção do cinema na escola, visto que ele é o intermediador e facilitador deste processo.

Por fim, o uso pedagógico das TICs ao processo de inclusão mostra-se como um favorável recurso. No entanto, a expansão de outros estudos e pesquisas a esse contexto torna-se necessária à proporção que se reconhece seus atributos favoráveis e de qualificação ao processo.

REFERÊNCIAS

AHLERT, A. Políticas Educacionais para uma democratização do acesso à ciência e a tecnologia. **Revista Athenea Digital**, n.12, p. 25-37, out 2007. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/2469469.pdf>>. Acesso: 28. Out 2016.

ALBA, C. SÁNCHEZ-HÍPOLA, P. La utilización de los recursos tecnológicos em los contextos educativos como respuesta a la diversidad. In: GALLEGO, D.J; ALONSO, C.M.; CANTÓN, Y. (Coord.) **Integración curricular de los recursos tecnológicos**. Barcelona: Oikos-Tau, 1996.p.351-374.

ALCÂNTARA, J.C.D. de. **Curta-metragem: gênero discursivo propiciador de práticas multiletradas**. 2014. 138 p. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2014.

AMARAL, L. A. **Sobre crocodilos e avestruzes: falando de diferenças físicas, preconceitos e sua superação**. 1998. Disponível em:<<http://ead.ucs.br>>. Acesso em: 18 out. 2016.

BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Brasília: Líber Livro,2002.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2011.

BRASIL. **Declaração de Salamanca sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais**. 1994. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>>. Acesso em: 18.out. 2016.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008. Disponível em: <<http://www.portal.mec.gov.br>>. Acesso em: 18 out. 2016.

_____. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (**Estatuto da Pessoa com Deficiência**). Brasília, 2015.

CAMPOS, V. **Agentes Especiais e o mistério na fábrica de celulares**. SESI-SP- Editora: São Paulo, 2013.

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra,1999.

CARPES, A.D.; ZAMBERLAN, C.; COSTENARO, R.G.S. **Pesquisa-ação em saúde associada a outros dispositivos e ferramentas**. In: LACERDA, M. R.; COSTENARO, R. G. S (Orgs.). Metodologia da pesquisa para a enfermagem e saúde. Porto Alegre: Moriá, 2016.

CARVALHO, R. E. **Escola Inclusiva: a reorganização do trabalho pedagógico**. Porto Alegre: Mediação, 2008.

DUARTE, R. **Cinema e educação**. 21 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

FARIA, N.V. da F. **A linguagem cinematográfica na escola: o processo de produção de filmes na sala de aula como prática pedagógica.** 2011. 91 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, 2011.

FERREIRA, R.C. **Cinema como espaço de aprendizagem: as narrativas das crianças sobre os filmes no Ensino Fundamental.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido.** 11ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FRESQUET, A. **Cinema e educação: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e "fora" da escola.** Belo Horizonte: Autêntica, 2013. (Coleção Alteridade e Criação, 2).

FRESQUET, A. M. **Fazer cinema na escola: pesquisa sobre as experiências de Alain Bergala e Núria Aidelman Feldman.** 2008. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt16-4996-int.pdf>>. Acesso em: 20 abril 2017.

GIRARDI, S.C. **A formação de professores acerca de novas tecnologias na educação.** Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Brasília, 2011.

LABRUNIE, M. G. L. **TICs na Escola: Uma tipologia sobre as práticas.** Disponível em: <www.labeleduimagem.pro.br/frames/seminarios/pdf/e7marlab.pdf>. Acesso em 09 set. 2016.

LAUAND, G, B do A.; MENDES, E.G. Fontes de informação sobre tecnologia assistiva para indivíduos com necessidades educacionais especiais. In: MENDES, E.G.; ALMEIDA, M.A.; HAYASHI, M.C.P.I (Org). **Temas em educação especial: conhecimentos para fundamentar a prática.** Araraquara: Junqueira& Marin; Brasília, DF: CAPES-PROESP, 2008. p. 125-133.

LINDENMEYER, S., et al. (2016). "Eu que fiz": A produção de curtas-metragens como estratégia tecnológica de autoria, aprendizagem e inclusão (maio 2016). **Revista TEKNOS**, 16 (2) Pag. 47 - 58.

MENDONÇA, L.F.F. **O que Pensam os Docentes sobre o uso das tecnologias da Informação e Comunicação nas práticas de ensino.** Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2010/cd/352010004454.pdf>> Acesso em: 09 out. 2016.

MITTLER, P. **Educação Inclusiva: Contextos Sociais.** Porto Alegre: Artmed,2003.

MINAYO, M, C de, S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** São Paulo: Hucitec, 2014.

NAPOLITANO, M. **Como usar o cinema na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2009.

NEGRINI, T; FREITAS, S, N. A identificação e a inclusão de alunos com características de altas habilidades/superdotação: discussões pertinentes. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, n.32, p. 273-284, dez.2008 a. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>>. Acesso em: 18.ago.2016.

_____. Alunos com altas habilidades/superdotação e seu atendimento em uma escola pública: uma discussão sobre a inclusão e a gestão educacional. **Revista Contra Pontos**, Itajaí, n.3, p. 433-448, dez. 2008b. Disponível em: <<http://siaiweb06.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/964/821>>. Acesso em 18 out. 2016.

OLIVEIRA, M.L. de. **O cinema ressignificando a educação ambiental através de uma prática interdisciplinar.** 2015. 87 p. Dissertação (Mestrado em Tecnologias Educacionais em Rede) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.

OLIVEIRA, S. L. de (2002): **Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisas, TGI, TCC monografias, dissertações e teses.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

PEREIRA, R. de C. de S.P. Tecnologias Assistivas e Deficiência: algumas considerações. **Revista Educação, Tempo, Digitalização.**v.13, n.1, p.119-133, jul/dez .2011.

RAMOS, P.E.**O Professor Frente as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação.** 2014. Disponível em: <<http://www.seduc.mt.gov.br/Paginas/O-professor-frente-%C3%A0s-novas-tecnologias-de-informa%C3%A7%C3%A3o-e-comunica%C3%A7%C3%A3o.aspx>> Acesso em: 10.out.2016

RIBEIRO, C.G. **O curta-metragem como recurso didático para aula de E/LE.** 2013. 146 p. Dissertação (Mestrado em Linguagem) – Universidade de Coimbra, Coimbra, 2013.

RODRIGUES, N.C. Tecnologias de informação e comunicação na educação: um desafio na prática docente. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v.6, n.1 (1-22), jan.-jun., 2009.

SANTANA, W. **O Uso da Tecnologia na Educação Inclusiva.** Disponível em: <<http://pedagogiafal.blogspot.com.br/2010/06/possibilidades-de-utilizacao-da.html>> Acesso em: 13.out.2016

SANTOS, S. V. Educação Inclusiva: considerações acerca do uso das tecnologias contemporâneas. **Revista Espaço Acadêmico.** n.109, p.51-57, julho.2010.

SENA, D. C. S. As Tecnologias da Informação e da Comunicação no ensino da Educação Física Escolar. **Revista Digital Hipertextus**. n.6, p.1-12, agosto 2011.

SILVA, L.N. **Educação Inclusiva: o desafio da inclusão nas séries iniciais na Escola Estadual Leônico Barreto**. 2014. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/setepe/trabalhos/Modalidade_7datahora_29_09_2014_06_53_34_idinscrito_176_19eda4e1d1c11dc7f81cd61c2db459f6.pdf> Acesso em: 07 dez. 2016.

SILVA, N. Da; MOZZAQUATRO.P.M. **Resignificando a prática pedagógica: o curta como instrumento de aprendizagem interdisciplinar**.2012.12f. Monografia (Especialização em Mídia em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012.

TRIPP, D. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica**. Educ. Pesqui. São Paulo , v. 31, n. 3, p. 443-466, Dez. 2005 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022005000300009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 out. 2016.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1998.

UNESCO. Relatório Global UNESCO: abrindo novos caminhos para o empoderamento: **TIC no acesso à informação e ao conhecimento para as pessoas com deficiência** /UNESCO: [tradução DB Comunicação]. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2014.

VALENTINI, C.B.; SOARES, E.M. do S. **Aprendizagem em ambientes virtuais [recurso eletrônico]: compartilhando ideias e construindo cenários**. 2 ed. Caxias do Sul, RS: Educs, 2010.

VIANA, M. da C.V.; ROSA, M.; OREY, D.C. O cinema como uma ferramenta pedagógica na sala de aula: um resgate à diversidade cultural. **Ensino Em Revista**, v.21, n.1, p.137-144, jan./jun. 2014.

ZANATTA, C; TREVISO; V. C. Inclusão escolar: possibilidades e desafios. **Revista Cadernos da Educação: Ensino e Sociedade**. n.3, p.15-30, 2016.

APÊNDICE

Apêndice 1 – Solicitação de Autorização à Escola

À Mestranda Aline Dal Bem Venturini
Programa de Pós-graduação em Tecnologias Educacionais em Rede - Mestrado
Profissional
Centro de Educação
Universidade Federal de Santa Maria

Em resposta à sua solicitação, temos a confirmar que a Direção da Escola Estadual de Ensino Fundamental Arroio Grande, após consulta ao corpo docente da mesma, autoriza que a pesquisa intitulada “Produção de Curtas Metragens como recurso para Educação Inclusiva”, seja desenvolvida junto a alunos e professores dessa escola.

Reiteramos a intenção da pesquisadora e orientadora do presente projeto em preservar a privacidade dos alunos e professores cujos dados serão coletados através de filmagem, oficinas.

Ressalta-se ainda, que essas informações deverão serem utilizadas única e exclusivamente para execução da pesquisa mencionada acima. As informações somente poderão ser divulgadas para fins educativos.

Santa Maria _____, de _____ de 2016.

Beloni Guidolin Noal
Diretora da Escola Estadual de Ensino Fundamental Arroio Grande

Apêndice 2 – Termo de consentimento Livre e Esclarecido

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PPG EM TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS EM REDE - MESTRADO PROFISSIONAL**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO

Título do Estudo: Produção de Curtas Metragens como Recurso para a Educação Inclusiva

Pesquisadores responsáveis: Aline Dal Bem Venturini e Liziany Muller Medeiros

Instituição/Departamento: UFSM/Centro de Educação. PPGTER_CE-UFSM

Telefones para contato: (55)999380691

Local da pesquisa: Escola Estadual de Ensino Fundamental Arroio Grande- Santa Maria/RS

Você está sendo convidado/a participar da pesquisa, em nível de MESTRADO, intitulada “Produção de Curtas Metragens como Recurso para a Educação Inclusiva”.

Esclarecemos de forma clara, detalhada e livre de qualquer tipo de constrangimento ou coerção, que a pesquisa acima declarada, tem como objeto produzir filmes (curtas) sobre temas sociais.

A presente pesquisa, não coloca em risco a vida de seus participantes e não tem caráter de provocar danos morais, psicológicos ou físicos. No entanto, o envolvimento poderá suscitar diferentes emoções, de acordo com a significação de seu conteúdo para cada sujeito. Por outro lado, consideramos que os benefícios são relevantes, em nível pessoal, por oportunizar momentos de reflexão e institucionais, por envolver a busca de qualidade na Educação Básica.

Você tem, desde agora, assegurado o direito de: receber resposta para todas as dúvidas e perguntas que desejar fazer acerca de assuntos referentes ao desenvolvimento desta pesquisa; retirar o seu consentimento, a qualquer momento, deixar de participar do estudo sem constrangimento e sem sofrer nenhum tipo de represália.

A pesquisadora e a orientadora deste estudo reconhecem e aceitam as Normas e Diretrizes Regulamentadoras da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos – Resolução CNS n. 196/96.

A pesquisa está ligada ao Programa de Pós-Graduação em Tecnologias Educacionais em Rede - Mestrado Profissional, do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria, sediada no Campus da UFSM, Prédio 44, sala 5104.

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu _____, estou de acordo em participar desta pesquisa, assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Santa Maria, de _____ de 2016.

Assinatura

Aline Dal Bem Venturini
Pesquisadora

Liziany Muller Medeiros
Profª responsável pela pesquisa

Apêndice 3 – Autorização de uso de imagem, voz e respectiva cessão de direitos (Lei n. 9.610/98)

Pelo presente Instrumento Particular, eu, _____, RG. n. _____, SSP-RS e do CPF/MF n. _____, residente e domiciliado na _____, responsável legal pelo aluno(a) _____, por este e na melhor forma de direito, AUTORIZO, de forma gratuita e sem qualquer ônus, aos pesquisadores: Liziany Muller Medeiros e Aline Dal Bem Venturini, a utilização de imagem e de trabalhos desenvolvidos, vinculados em material produzido na oficina de produção de vídeo tais como: fotos, vídeos, entre outros, em todos os meios de divulgação possíveis, quer sejam na mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros), televisiva (propagandas para televisão aberta e/ou fechada, vídeos, filmes, entre outros), radiofônica (programas de rádio/podcasts), escrita e falada, Internet, Banco de dados informatizados, Multimídia, “home vídeo”, DVD, entre outros, e nos meios de comunicação interna, como jornal e periódicos em geral, na forma de impresso, voz e imagem.

Através desta, também faço a CESSÃO a título gratuito e sem qualquer ônus de todos os direitos relacionada à minha imagem, bem como autorais dos trabalhos, desenvolvidos, incluindo as artes e textos que poderão ser exibidos, juntamente com a minha imagem ou não.

A presente autorização e cessão são outorgadas livres e espontaneamente, em caráter gratuito, não incorrendo a autorizada em qualquer custo ou ônus, seja a que título for, sendo que estas são firmadas em caráter irrevogável, irretroatável, e por prazo indeterminado, obrigando, inclusive, eventuais herdeiros e sucessores outorgantes.

E por ser de minha livre e espontânea vontade esta AUTORIZAÇÃO/CESSÃO, assino em 02(duas) vias de igual teor.

Santa Maria, junho de 2016.

Nome:
Endereço:
Cidade:
RG Nº:
CPF Nº:
Telefone para contato:
Nome do Representante Legal (se menor):

Artigo 79º do Código Civil

(Direito à imagem)

1 - O retrato de uma pessoa não pode ser exposto, reproduzido ou lançado no comércio sem o consentimento dela; depois da morte da pessoa retratada, a autorização compete às pessoas designadas no n.º2 do artigo 71.º, segundo a ordem nele indicada.

2 - Não é necessário o consentimento da pessoa retratada quando assim o justificarem a sua notoriedade, o cargo que desempenhe, exigências de polícia ou de justiça, finalidades científicas, didáticas ou culturais, ou quando a reprodução da imagem vier enquadrada na de lugares públicos, ou na de factos de interesse público ou que hajam decorrido publicamente.

3 - O retrato não pode, porém, ser reproduzido, exposto ou lançado no comércio, se do facto resultar prejuízo para a honra, reputação ou simples decoro da pessoa retratada

LEI N. 9.610/98

Capítulo VI

Da Utilização da Obra Audiovisual

Art. 81. A autorização do autor e do intérprete de obra literária, artística ou científica para produção audiovisual implica, salvo disposição em contrário, consentimento para sua utilização econômica.

§ 1º A exclusividade da autorização depende de cláusula expressa e cessa dez anos após a celebração do contrato.

§ 2º Em cada cópia da obra audiovisual, mencionará o produtor:

I - o título da obra audiovisual;

II - os nomes ou pseudônimos do diretor e dos demais co-autores;

III - o título da obra adaptada e seu autor, se for o caso;

IV - os artistas intérpretes;

V - o ano de publicação;

VI - o seu nome ou marca que o identifique.

Apêndice 4 – Roteiro de entrevista com os alunos com deficiência intelectual participantes da Pesquisa

- 1- Como você se sentiu ao participar da produção do curta-metragem?

- 2- Você se sentiu mais acolhido pela sua Turma depois de participar do curta-metragem? Por quê?

- 3- A temática proposta no curta-metragem contribui para o seu ensino/aprendizagem na sala de aula? De que forma?

- 4- Você gostou de atuar como ator/atriz no curta-metragem? Por quê?